

Os desafios da gravidez na adolescência

Guilherme de Amaral Lourenço, Enfermagem, Centro Universitário Integrado, Brasil

Iasmini dos Santos, Enfermagem, Centro Universitário Integrado, Brasil

Thaynnara Letícia Barbosa, Enfermagem, Centro Universitário Integrado, Brasil

Yasmin Vicente Ferreira, Enfermagem, Centro Universitário Integrado, Brasil

Franciele Milani Pressinate, Enfermagem, Centro Universitário Integrado, Brasil,
franciele.milani@grupointegrado.br

INTRODUÇÃO

A adolescência corresponde a etapa marcada por mudanças corporais, emocionais e sociais que influenciam escolhas e projetos futuros. Quando a gestação ocorre nesse período, novas demandas se somam ao processo de desenvolvimento, exigindo suporte familiar e acompanhamento profissional capaz de reduzir riscos e ampliar possibilidades de cuidado.

A gravidez na adolescência permanece como importante desafio para a saúde pública por envolver repercussões clínicas, emocionais e sociais. Estudos nacionais apontam associação entre gestação precoce, vulnerabilidade social, interrupção escolar e maior exposição a agravos evitáveis. Nesse cenário, compreender o fenômeno favorece respostas assistenciais mais adequadas no cuidado integral às jovens (Avelino, Araújo e Alves, 2021).

Além dos aspectos biológicos, a maternidade precoce costuma ocorrer em contextos marcados por desigualdade econômica, baixa escolaridade e acesso limitado à informação. Em análise espacial, áreas periféricas e socialmente vulneráveis apresentaram maiores proporções de mães adolescentes, indicando relação entre território, renda e oportunidade social (Fernandes et al., 2024).

A literatura também descreve consequências maternas e neonatais relevantes. Entre elas aparecem maior chance de prematuridade, baixo peso ao nascer, dificuldades no pré-natal e sofrimento emocional. Tais repercussões não se distribuem igualmente e tendem a ser mais intensas quando faltam rede de apoio, vínculo familiar e acesso regular aos serviços (Cabral et al., 2020).

Diante desse quadro, a enfermagem ocupa posição estratégica na prevenção, orientação e acompanhamento das adolescentes grávidas. Consultas qualificadas, escuta sensível, ações educativas e articulação com escola, família e comunidade ampliam proteção e adesão ao cuidado, contribuindo para melhores desfechos maternos e infantis (Patrício, Silva e Júnior, 2024).

Assim, este estudo tem como objetivo geral analisar os principais desafios da gravidez na adolescência. Busca identificar fatores de risco, descrever consequências físicas, emocionais e sociais para mãe e recém-nascido e avaliar como a enfermagem pode atuar na prevenção e no cuidado dessas adolescentes.

MÉTODO

Trata-se de revisão da literatura, de natureza descritiva e abordagem qualitativa, elaborada para reunir evidências sobre os desafios da gravidez na adolescência e a atuação da enfermagem diante desse fenômeno.

A pergunta norteadora considerou os principais desafios vivenciados por adolescentes grávidas, seus fatores associados, repercussões para mãe e recém-nascido e possibilidades de prevenção e cuidado no campo da enfermagem.

O universo do estudo foi composto por produções científicas previamente selecionadas. As bases utilizadas incluíram SciELO, Portal CAPES e MEDLINE, publicados entre 2020 e 2025.

Para organização do material, realizou-se leitura exploratória dos textos completos, seguida de leitura analítica. Em cada estudo foram identificados objetivos, método, principais achados, convergências e contribuições para responder à pergunta proposta.

Inicialmente, foram identificados 37 artigos. Após a leitura dos títulos e resumos, 27 estudos foram excluídos por não apresentarem relação direta com o tema proposto. A amostra final reuniu dez artigos para compor a revisão.

A análise dos dados buscou identificar convergências e divergências entre os autores, permitindo compreensão ampliada do tema. Após a síntese dos achados, produziu-se interpretação crítica comparando resultados recorrentes e singularidades entre os estudos.

REVISÃO DE LITERATURA

A gravidez na adolescência é descrita como evento multifatorial, relacionado a condições sociais, familiares e individuais. A ausência de informação adequada sobre sexualidade e contracepção aparece de forma recorrente entre os elementos associados ao problema. Também se destacam início sexual precoce e uso incorreto de métodos preventivos (Silva et al., 2020; Avelino, Araújo e Alves, 2021).

Estudos como os de Trombetta et al. (2022) e Patrício, Silva e Júnior (2024) apontam que pobreza, baixa escolaridade e poucas perspectivas profissionais ampliam a vulnerabilidade para a gestação precoce. Quando oportunidades educacionais e laborais são restritas, a maternidade pode ocorrer em contextos de menor proteção social e maior dependência econômica, perpetuando ciclos de desigualdade.

Os autores Fernandes et al. (2024), em estudo realizado, observaram que setores censitários com piores indicadores socioeconômicos concentraram maiores proporções de mães adolescentes. A distribuição territorial mostrou que o fenômeno não ocorre ao acaso, acompanhando áreas periféricas e maior privação social, o que reforça a influência dos determinantes sociais da saúde.

Aspectos familiares também interferem no risco gestacional. Falta de diálogo, fragilidade de vínculos e apoio insuficiente dificultam decisões seguras sobre sexualidade e projeto de vida. Ao mesmo tempo, quando existe suporte afetivo, a adolescente tende a enfrentar melhor o período gestacional e manter perspectivas futuras (Carvalho e Miranda, 2020).

Entre as repercussões físicas, a literatura cita maior ocorrência de pré-eclâmpsia, parto prematuro e baixo peso ao nascer. Esses desfechos relacionam-se tanto à imaturidade biológica quanto ao início tardio ou inadequado do acompanhamento pré-natal, especialmente em grupos socialmente vulneráveis (Cabral et al., 2020; Roberto et al., 2024).

Os autores Trombetta et al. (2022) mencionam risco ampliado de mortalidade materna e neonatal em países em desenvolvimento, além de internações neonatais e restrição de crescimento intrauterino. Embora nem toda gestação adolescente resulte em agravos, a frequência desses eventos exige vigilância e cuidado qualificado desde o início da gravidez.

As consequências emocionais são amplamente descritas. Medo, ansiedade, estresse e sentimentos de rejeição podem surgir diante da gravidez não planejada, das mudanças corporais e das responsabilidades futuras. Em situações de preconceito social ou abandono, o sofrimento psíquico tende a se intensificar e comprometer o vínculo com o cuidado (Santos et al., 2025).

Segundo Santos et al. (2025), ao abordarem as implicações biopsicossociais, identificaram presença de transtornos mentais, baixa autoestima, isolamento social e apoio psicossocial fragilizado. Também foram citadas situações de violência sexual, abuso emocional e perseguição familiar, mostrando que a gestação precoce pode coexistir com múltiplas vulnerabilidades.

No campo social, a evasão escolar aparece como importante consequência. A interrupção dos estudos reduz oportunidades futuras de trabalho e renda, mantendo dependência financeira. Ainda assim, parte das adolescentes manifesta desejo de retornar à escola após o nascimento do bebê, especialmente quando encontra rede de apoio (Carvalho e Miranda, 2020).

A literatura ressalta que estigma social e julgamento moral podem afastar jovens dos serviços de saúde e do convívio comunitário. Esse processo produz silêncio, vergonha e atraso na busca por assistência. Estratégias acolhedoras e sem discriminação tornam-se essenciais para romper barreiras de acesso (Oliveira et al., 2022).

Quanto à prevenção, os estudos convergem ao valor da educação sexual baseada em informação clara e contínua. Ações desenvolvidas em escolas, unidades de saúde e espaços comunitários favorecem conhecimento sobre corpo, consentimento, contracepção e planejamento reprodutivo, fortalecendo escolhas mais seguras (Avelino, Araújo e Alves, 2021; Silva et al., 2020).

A enfermagem possui papel central nessas ações por manter contato direto com adolescentes e famílias. Patrício, Silva e Júnior (2024) mencionam que consultas de enfermagem, grupos educativos e busca ativa permitem identificar riscos precoces, orientar sobre métodos contraceptivos e estimular autocuidado, além de encaminhar demandas específicas quando necessário.

Durante o pré-natal, enfermeiros contribuem para adesão às consultas, monitoramento clínico, incentivo à nutrição adequada e preparo para o puerpério. O acompanhamento humanizado favorece vínculo terapêutico e maior confiança da adolescente no serviço, condição importante para continuidade do cuidado (Patrício, Silva e Júnior, 2024).

Fernandes et al. (2024) e Roberto et al. (2024) destacam a necessidade de atuação intersetorial. Saúde, educação e assistência social precisam trabalhar de forma integrada para reduzir fatores estruturais ligados à gravidez precoce. Intervenções isoladas têm alcance limitado quando persistem pobreza, violência e exclusão de oportunidades juvenis.

A revisão evidencia que a gravidez na adolescência ultrapassa dimensão biológica e expressa desigualdades sociais persistentes. Fatores econômicos, familiares e informacionais interagem com riscos clínicos e sofrimento emocional. Nesse contexto, a enfermagem mostra potencial ampliado quando atua de modo preventivo, acolhedor e articulado com outros setores.

Os estudos analisados indicaram como principais desafios os fatores socioeconômicos desfavoráveis, baixa escolaridade, acesso insuficiente à informação, agravos obstétricos, sofrimento psíquico e evasão escolar. Também apontaram que ações educativas, pré-natal qualificado, escuta sensível e apoio em rede fortalecem prevenção e melhores desfechos assistenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste estudo permitiu compreender os principais desafios da gravidez na adolescência a partir da literatura. O fenômeno mostrou-se relacionado a fatores individuais e estruturais, exigindo leitura ampliada e respostas que ultrapassem o enfoque exclusivamente biológico.

Verificou-se que entre os fatores de risco identificados destacaram-se vulnerabilidade social, baixa escolaridade, informação insuficiente sobre sexualidade, uso inadequado de contraceptivos e fragilidade do apoio familiar. Tais condições ampliam a exposição à gestação não planejada e dificultam a continuidade de projetos de vida.

As consequências observadas envolveram complicações obstétricas, prematuridade, baixo peso ao nascer, ansiedade, estigma social e evasão escolar. Esses efeitos atingem a adolescente, o recém-nascido e o núcleo familiar, reforçando a necessidade de cuidado oportuno e integral.

A enfermagem apresentou papel relevante na prevenção e assistência por meio de educação em saúde, acolhimento, consultas qualificadas, acompanhamento pré-natal e articulação com a rede de apoio. Quanto mais precoce e contínua essa atuação, maiores as possibilidades de proteção.

Como limitação, o estudo baseou-se em artigos previamente definidos. Pesquisas futuras podem ampliar bases de dados, comparar realidades regionais e investigar experiências de adolescentes atendidas em diferentes níveis de atenção à saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na Adolescência. Enfermagem. Saúde Pública.

AGRADECIMENTOS: Expressamos nossa gratidão à nossa professora orientadora, cujas orientações foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, bem como a todos os colaboradores que contribuíram para a realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

AVELINO, C. S.; ARAÚJO, E. C. A.; ALVES, L. L. Fatores de risco da gravidez na adolescência no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 1426-1447, 2021.

CABRAL, A. L. B. et al. A gravidez na adolescência e seus riscos associados: revisão de literatura/Adolescent pregnancy and its associated risks: literature review. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 6, p. 19647-19650, 2020.

CARVALHO, R. V.; MIRANDA, I. C. Gravidez na adolescência e os riscos de uma sexualidade precoce. **SEMPESq-Semana de Pesquisa da Unit-Alagoas**, n. 8, 2020.

FERNANDES, C. M. et al. Fatores socioeconômicos aumentam o risco de gravidez na adolescência: análise espacial e temporal em um município brasileiro. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 27, p. e240040, 2024.

OLIVEIRA, B. F. L. et al. Gravidez na adolescência. In: LUBIANCA, Jaqueline Neves; CAPP, Edison (org.). **Promoção e proteção da saúde da mulher, ATM 2025/1**. Porto Alegre, p. 187-204, 2022.

PATRÍCIO, P. B. S.; SILVA, L. G.; JÚNIOR, H. M. P. L. Gravidez na adolescência, riscos e desafios encontrados pela enfermagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 9, p. 1799-1806, 2024.

ROBERTO, A. C. M. et al. Consequências e riscos de uma gravidez na adolescência: uma revisão narrativa. **Revista da Faculdade Supremo Redentor**, 2024.

SANTOS, B. C. et al. Implicações biopsicossociais da gravidez na adolescência. **Research, Society and Development**, v. 14, n. 1, p. e9814148109, 2025.

SILVA, B. M. et al. Fatores de risco associados à gravidez na adolescência: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. e3969111010, 2020.

TROMBETTA, T. C. et al. Identificação das condições maternas e fatores de risco da gravidez na adolescência: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, p. e47311629498, 2022.

